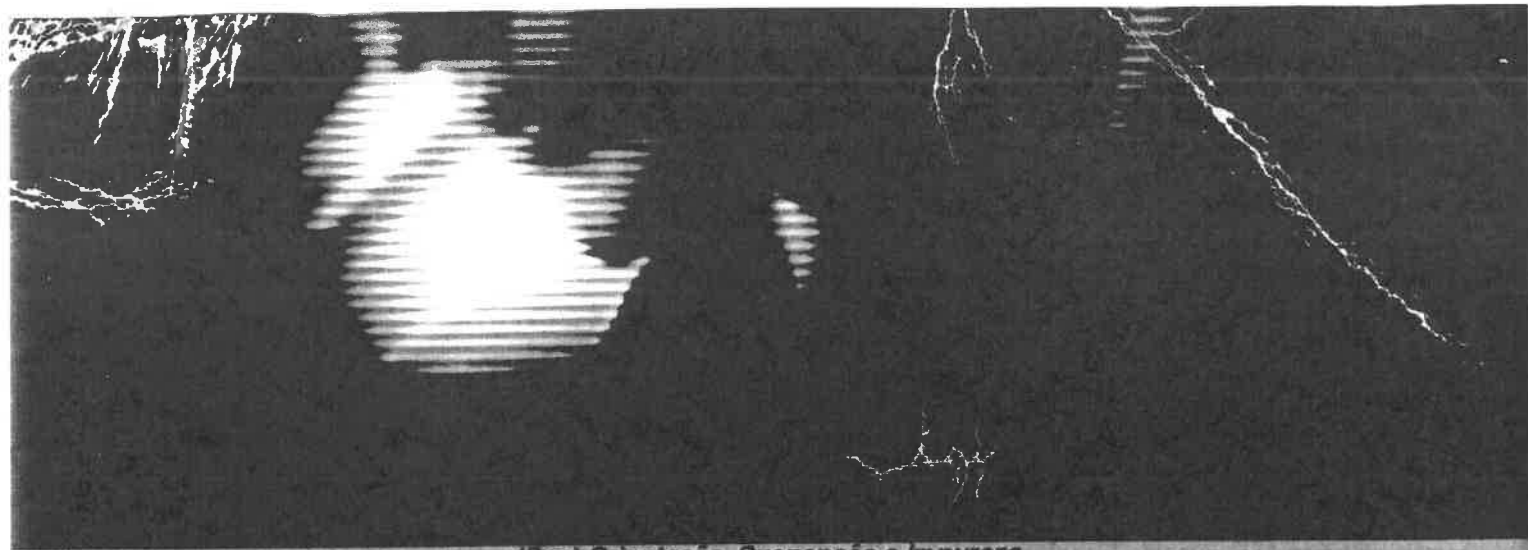
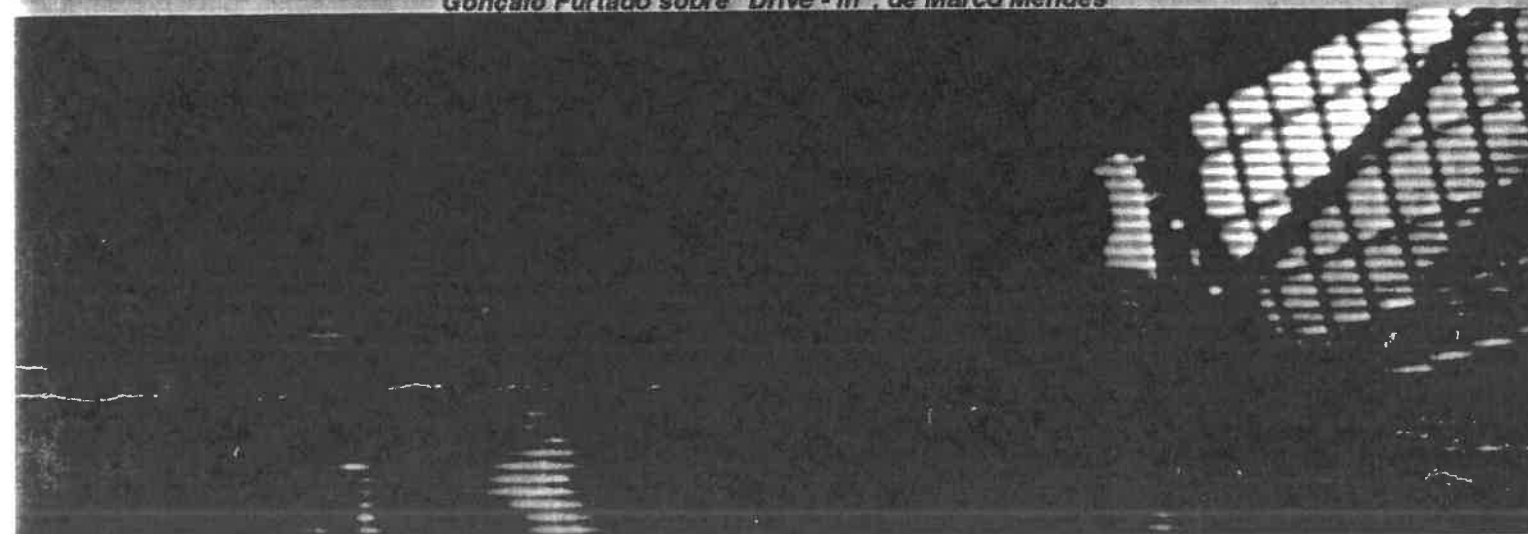




(Des) Orientação, Suspensão e Impureza



Gonçalo Furtado sobre "Drive - In", de Marco Mendes



(Des) Orientação, Suspensão e Impureza

Após me explicar o projecto que acaba de concretizar, Marco Mendes pediu-me que fizesse um apontamento crítico sumário que, pela nossa amizade, me vejo impedido de recusar.

Tal projecto surge no seguimento de um exercício académico, em redor do tema "sinalética vs (des)orientação" que tem como suporte a cidade do Porto.

Surgem desde logo, a meu ver, três aspectos sobre os quais nos podemos deter: intervenção, cidade, e (des)orientação.

Quanto ao primeiro termo, podemos indagar sobre o tipo de experiência que temos presente. Diria que é do âmbito artístico, concretamente conceptual, já que este conteúdo - o conceito - protagoniza sobre outros aspectos de ordem material e, em oposição a uma ideia de obra una e fechada, reclama a participação cúmplice do espectador no acto de significação. Por isso a vejo como um "happening", que remete para a "acção" do Fluxus, a linguística de Joseph Kosuth e a corporalidade de "Gilbert & George".

Este "happening" em que agora somos integrados foi programado para pôr em estado de "suspensão" a orientação inscrita na cidade, (através d'os sinais de trânsito).

É interessante ver, e passo ao segundo termo, que a cidade que nos é proposta assenta numa ideia precisa (e contemporânea) de urbanidade. Para a revelar permito-me tomar o pensamento do crítico Ignasi Solà-Morales, segundo o qual, o "moderno" considerou a cidade do ponto de vista da produtividade e eficácia. Consta também o modo como a representação artística da cidade contemporânea, acentua o seu aspecto fragmentado e anónimo. Sobretudo quando apropria determinadas peças urbanas, denomináveis como "Terrain Vague", caracterizadas pela ambiguidade e multi - significância (que desde se depreende de "vague"...). O "técnico", com a sua visão "especializada", assustado com a indefinição, vê estes espaços como algo improdutivo e por isso tendencialmente "ocupável - explorável", reclamando a sua integração na experiência da cidade produtiva. Ignasi defende que esses espaços possam, pelo contrário, permanecer resíduos referenciais, ligados a uma experiência pautada pelo valor da liberdade improdutivo. Este projecto destina-se precisamente a um desses espaços, a um "não lugar" nas palavras de Marc Augé, que Marco pretendeu ocupar temporariamente. Não interessa se o fez, interessa que esse espaço permaneça como era e simultaneamente está enriquecido com um novo significado com o que um dia se pensou.

Penso também podermos dizer que a cidade em que o Marco deambula, assenta numa ideia de improdutividade e de cultura móvel (sem) orientação. Com a "teoria da deriva" de Guy Debord definia-se um procedimento situacionista em que se renunciava, por determinado período temporal, a razões para a nossa movimentação - acção. Como resultado constitui-se uma unidade circunscrita pelas pregas da psico - geografia, e entregamo-nos ao desejo de suprimir uma ideia de fronteira. Também, a meu ver, a apropriação de uma ideia de "Poética do Devaneio" (citação descontextualizada do discurso fenomenológico de Gaston Bachelard), poderá auxiliar-nos na tentativa de perceber o que está em questão, ou o que Marco nos propõe questionar: "Nas horas dos grandes achados, uma imagem poética pode ser o gerar de um mundo, o germe de um universo imaginado diante do devaneio de um poeta."

"Deriva" e talvez "devaneio", estão presentes na experiência que Marco regista em vídeo, mas também no seu conceito, na cidade que abandona sem a ordem do "sinaleiro", e na experiência que nos proporciona. Como se percebe, o termo (des)orientação foi (propositadamente) proposto ser abordado sob uma outra complexidade, que a oposição "orientação - desorientação" dificilmente nos poderia ter dado conta.

Em tom de conclusão, (de um discurso que se quer aberto), gostava que vissemos esta intervenção, (como é que se chama?) e o Marco, como algo virulógico. Tomando o conceito de "contaminação" como a "introdução de impureza", podemos dizer que a introdução das suas acções, (e o conseqüente roubo dos sinais) incorpora uma subversão, de carácter político se quiserem, relativamente a uma sociedade que permanece monofocal e aristocraticamente perspectica em relação à sua condição e destino.